

REPRESENTAÇÃO E ENSINO DE GEOGRAFIA:
CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

*REPRESENTATION AND TEACHING OF GEOGRAPHY:
CONTRIBUTIONS-THEORY METODOLÓGICAS*

*REPRESENTACIÓN Y LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA:
CONTRIBUCIONES DE LA TEORÍA METODOLÓGICAS*

Salete Kozel

Professora Adjunta da Universidade Federal do Paraná
E-mail: skozel@onda.com.br

Wilson GALVÃO

Mestre em Geografia – UFPR
E-mail: wilgeo@ufpr.br

Resumo

O objetivo deste trabalho é apresentar aspectos teórico-metodológicos associados à Representação e Ensino. A metodologia em questão, os Mapas Mentais, é referenciada pela Geografia das Representações. Os mapas mentais desenvolvidos nesta investigação revelaram as representações de Geografia construídas por um grupo de alunos da 6ª série do Ensino Fundamental, evidenciando uma correspondência entre o fazer escolar desenvolvido pelo professor, a escola e a aprendizagem geográfica. Portanto, essa metodologia, aliada à hermenêutica que perpassa o conceito de Geração de Ambiências, possibilitou catalisar o cotidiano dos educandos, assim como a compreensão do conceito de geografia construído pelo grupo. Tais eventos promoveram o desenvolvimento da aprendizagem, fornecendo subsídios para se pensar, ou mesmo repensar, alguns elementos e processos atinentes à geografia escolar.

Palavras chave: Geografia das Representações, ensino de geografia, mapas mentais, geração de ambiência.

Abstract

This work has as a purpose to present theoretician and methodological aspects associated to Representation in Education. The used methodology in question, Mental Mapping, is referred by Geography of the Representations. The developed mental maps in this research have showed the representations of Geography constructed by a group of students in 6th grade, evidencing a correspondence among the teacher practice, the school and the geographic learning. Therefore, such methodology, allied to the hermeneutics that is part of the concept of Generation of Ambience Environments, made possible to catalyze the daily practice of the students, as well as the understanding of the concept of geography built by the group. Such events have promoted the learning, supplying subsidies to think - or rethink - some elements and processes belonging to school geography.

Key-Words: Geography of the Representations, geography teaching, maps, Generation of Ambience.

Resumen

El objetivo de este trabajo es presentar aspectos teórico-metodológicos asociados a la Representación e Enseñanza. La metodología en cuestión, el Mapeo Mental, es referenciada por la geografía de las Representaciones. Los mapas mentales desarrollados en esta investigación revelaron las representaciones de Geografía construidas por un grupo de alumnos de la 6ª serie de la Enseñanza Básica, evidenciando una correspondencia entre el hacer escolar desarrollado por el profesor, el colegio e el aprendizaje geográfico. Po lo tanto, esa metodología, aliada a la hermenéutica que prepassa el concepto de Generación de Ambientes, posibilitó catalizar el cotidiano de los estudiantes, así como la comprensión del concepto de geografía construido por el grupo. Tales eventos promovieron el desarrollo del aprendizaje, suministrando subsidios para se pensar, o hasta repensar, algunos elementos y procesos pertenecientes e la geografía escolar.

Palabras llave: Geografía de las Representaciones, enseñanza de geografía, mapas mentales, Generación de Ambientes.

Introdução

A proposta é revelar algumas reflexões obtidas a partir do desenvolvimento de uma pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná, defendida no início do ano de 2007, cuja problemática se insere no bojo das Representações e Ensino de geografia. A investigação transcorre no ambiente escolar, tendo como importante suporte teórico e metodológico os Mapas Mentais sob o olhar cultural-humanista da geografia das representações.

Neste trabalho, serão apontados alguns elementos teóricos que sustentam esse aporte metodológico e indicados os procedimentos para a operacionalização dessa metodologia de pesquisa em investigações ligadas a educação, além da apresentação de alguns resultados obtidos na pesquisa acima referida.

Alguns aspectos sobre a Geografia das representações

Tendo como suporte a geografia das representações, o trabalho com os mapas mentais pode ser amplamente utilizado em pesquisas nas áreas didático pedagógicas, pois considera o aluno enquanto um agente de representações. Sendo assim, “os mapas mentais podem ser elaborados com objetivos variados, com o intuito de desvendar trajetos, lugares, conceitos e idéias” (KOZEL, 2005, p. 145).

O termo “representação” é compreendido por Kozel (2005, p. 140-141) “como o processo pelo qual são produzidas formas concretas ou idealizadas, dotadas de particularidades que podem também se referir a um outro objeto, fenômeno relevante ou realidade”. Nesse contexto, a Geografia das Representações, enquanto abordagem geográfica dentro da Geografia Cultural- humanista, assume uma importante posição nas pesquisas geográficas, pois suas proposições são fundamentais para o entendimento das representações construídas por um grupo de sujeitos sociais. No ambiente escolar, sobretudo quando se utiliza o suporte metodológico dos mapas mentais, têm-se obtido relevantes resultados.

É importante ressaltar que, desde as épocas mais remotas, as sociedades se expressam acerca de seus espaços vividos por meio de representações. Para tanto, utilizavam-se desde blocos de rochas, paredes de cavernas, pergaminhos, papiros até chegar ao papel e, hoje, no formato digital.

Essas representações sempre foram impregnadas de valores provenientes da sua própria cultura e representavam caminhos, rotas, riquezas, mitos, lendas, medos, etc. Portanto, as representações se constituíam enquanto forma de linguagem das diferentes civilizações, unindo aspectos objetivos aos subjetivos, práticas a valores, mitos aos fatos comprovados, constituindo-se no verdadeiro “ver” das sociedades.

Estes aspectos refletiam a percepção do ambiente onde estavam inseridas essas sociedades, atrelando-se, desta forma, à produção de imagens subjetivas, que possuíam referência nas relações objetivas, afetivas, políticas e culturais.

Entretanto, as formas de expressão com que a sociedade representava o espaço e o mundo vivido foi se modificando ao longo do tempo, especialmente por influência do desenvolvimento tecnológico, de modo que, ao final do século XVIII, valorizou-se a dimensão cartográfica nas representações geográficas. Na realidade, houve uma supervalorização do aporte cartográfico, tanto que este passa a se constituir num instrumento de dominação e manipulação, uma vez que encerrava em si uma conotação cientificista de “verdade”, ou seja, suas representações refletiam o mundo “real”.

Contudo, na própria comunidade cartográfica, essa abordagem tecnicista vem sendo repensada. Entre os trabalhos que se orientam neste sentido, Kozel (2005) menciona Harley (1991), que defende a importância de se considerar e reconhecer todo e qualquer tipo de representação como uma forma de linguagem das diferentes civilizações, observa-se, portanto, que a linguagem desempenha um papel fundamental quando nos referimos às representações.

A linguagem, segundo Gil Filho (2005), pode ser entendida como uma função do pensamento que reinterpreta o mundo concreto imediato como outro, um mundo de resignificações. Portanto, neste caso, a linguagem se coloca como “a mediação necessária entre as coisas e seus significados mais ocultos” (GIL FILHO, 2005, p. 75). Para o autor, à medida que uma imagem, que é também uma das formas de linguagem, transcende o limite de si mesma, transforma-se em representação, convertendo-se na encarnação da imagem, sua presença e o próprio ato de se fazer presente. Ou seja, “a representação é expressão concreta, quer por manifestação, quer por emanção de uma vontade incontida do aqui e agora, e não admite redução a nenhuma outra forma semelhante. A individuação da representação é expressa por meio de formas concretas mediadas pela linguagem” (p. 75).

Apesar de ser um processo de individuação, ou seja, uma ação subjetiva do sujeito, o resultado é impactado pelas modificações causadas pelas representações, de modo que sua abordagem é, conforme as palavras do autor, “eminente social, e em seu caráter fenomenal se realiza e cristaliza através da comunicação, em redes de conhecimento” (p. 76).

Neste sentido, a “Geografia das Representações é uma Geografia do conhecimento simbólico. Assume as representações sociais como ponto de partida para uma Geografia Cultural do mundo banal, da cultura cotidiana, do universo consensual impactado pelo universo reificado da ciência e da política” (GIL FILHO, 2005, p. 80).

As dimensões que subsidiam as pesquisas das representações na geografia, assim como em outras áreas, estabelecem-se na medida em que, nas representações, o aspecto imaginativo é inseparável do aspecto significativo, que, por sua vez, não se caracteriza enquanto uma reprodução passiva de um exterior num interior, perpassando pelo imaginário, individual e social. Deste modo, representam-se as interações entre o sujeito e o mundo, implicando numa atividade conjunta de construção e reconstrução no ato da representação, pois, como o sujeito é social, a atividade é tanto simbólica como cognitiva. Acrescente-se ainda o caráter criativo e autônomo das representações, cabendo assinalar que todos esses aspectos mencionados refletem, invariavelmente, um dado momento histórico. Bailly (1985), citado por Kozel (1999), postula que o conhecimento humano é adquirido por meio de experiências, temporal, espacial e social; e que as representações e o imaginário revolucionam a gênese do conhecimento, existindo uma relação direta e indireta entre essas representações e as ações humanas.

Para tornar o processo mais sintético, abordando os fenômenos cognitivos, afetivos e sociais, que na realidade estão interligados, permitindo a incorporação de análises ideológicas, dos saberes populares e do senso comum, aparecem as representações sociais. Segundo Jodelet (1988), as representações sociais se constituem numa forma de conhecimento, que é socialmente elaborado e compartilhado, possui uma visão prática e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social.

O desenvolvimento do entendimento da teoria das representações sociais se constitui numa das principais abordagens para a análise e interpretação das representações produzidas pelos grupos sociais, como os mapas mentais.

A opção pelo desenvolvimento deste enfoque se dá na medida em que as representações se inserem nas análises geográficas da geografia humana e que há a conscientização dos aspectos subjetivos analisados nos discursos e práticas socioespaciais. Com isso, fica evidente, na estrutura das representações, coerências e

repetições, não somente aquela dos homens racionais, mas, também daqueles que experimentam o sentimento pelos lugares onde vivem, ou seja, criam vínculos.

Nesse sentido, segundo Kozel (2001), as representações podem ser analisadas tanto como produtos quanto processos. “Produtos na medida em que são construídas a partir de procedimentos e entrevistas realizadas pelos pesquisadores, base para a compreensão dos processos. Processos na medida em que retratam análises das transformações sociais e espaciais”.

Com isso, Gil Filho e Kozel, os autores que balizam esta reflexão acerca da geografia das representações, evidenciam que esta abordagem permite a compreensão da lógica dos agentes, desde as aspirações individuais aos sistemas de valores dos grupos sociais, revelando os arranjos estabelecidos e refletidos em um dado espaço social e cultural.

Compreendendo o aporte metodológico dos mapas mentais

A linguagem desempenha um papel fundamental no que concerne às representações, uma vez que, de acordo com Gil Filho (2005), encarnam a possibilidade de rerepresentação do mundo. Mas, ao receberem a influência dos contextos onde estão inseridos, transcendem, no caso das imagens, os limites de si mesmas. Nesse contexto, estão inseridos os mapas, que na geografia sempre tiveram papel de protagonistas, pois apresentam em si a capacidade de espacializar os fenômenos geográficos.

Nesse sentido, as representações cartográficas encerram grandes possibilidades para o entendimento do mundo e do humano do mundo. Mas, são os Mapas Mentais que podem trazer ainda mais elementos para esse entendimento.

Segundo nos aponta Kozel (2005), os mapas mentais podem ser inseridos no contexto das representações que advêm do simbólico, de modo que perpassam por construções mentais decorrentes da apreensão de significados, que raramente são revelados pela razão. Para a autora, é possível afirmar que as pessoas constroem sentido sobre determinados espaços ou coisas não somente pela atividade consciente de pensamento teórico, mas, sobretudo pelo conhecimento intuitivo, que perpassa por suas expressões. Desse modo, seus sentidos expressam o cultural e o social, produtos de seu entendimento sobre o espaço vivido, percebido, sentido, amado ou rejeitado. Portanto,

estas duas instâncias se interpenetram, impossibilitando sua separação, pois perfazem um mundo cultural/social. Um mundo que é visto e experienciado não como uma soma de objetos, mas como um sistema de relações onde estão imbricados valores, sentimentos, atitudes, vivências, entre outros.

De acordo com Kozel Teixeira e Nogueira (1999), autores como Gaspar e Marian (1975), utilizavam, já na década de 70 do século passado, este aporte para entender o nível de organização e compreensão espacial de seus alunos e, a partir daí, melhor organizar suas aulas, pois, para tais autores, os estudos das imagens mentais que os alunos têm a respeito de um dado território permitem que o professor possa corrigir anomalias ou preencher lacunas na formação geográfica. Além disso, o professor pode proporcionar um novo movimento à aula por meio da investigação de como os alunos percebem o mundo para, a partir daí, pensar por onde começar a discutir geografia. Autores como Bailly e André (1989), citados por Kozel e Nogueira (1999), também defendem a utilização dos mapas mentais em ambiente escolar. Segundo eles, é imperativo levar em conta que os alunos constroem representações espaciais, e é importante considerá-las como um sistema explicativo, coerente e operacional. Nesse sentido, as autoras advertem que é impossível fazer o ensino da geografia ser menos enfadonho sem resgatar o que o aluno apreendeu do espaço vivido por ele, sem levar em conta as representações que estes são capazes de descrever sem grandes esforços.

Mapas mentais: representando o vivido

A pertinência deste aporte metodológico permitiu sua integral aplicação na investigação de Galvão (2007), onde a problemática da pesquisa está centrada nas representações de geografia construídas por um grupo de alunos, entendendo que suas vivências e experiências acerca do conceito de geografia poderiam ser representadas de maneira significativa nos mapas mentais.

O desenvolvimento da metodologia ocorreu em duas etapas. A primeira, durante o período da observação participante das aulas de geografia de uma turma da 6ª série do ensino fundamental realizada pelo autor, quando a metodologia foi aplicada³, e a segunda, na análise e interpretação dos mapas mentais construídos pelos alunos.

Na primeira etapa, constam os seguintes procedimentos. Inicialmente, explicou-se que aquela atividade, assim como a presença do pesquisador nas aulas de geografia, fazia parte de um cronograma de atividades de um projeto de pesquisa acadêmica. Comunicou-se que todos estavam fazendo parte do trabalho e que a colaboração era fundamental. Advertiu-se que seria importante a seriedade na produção das imagens e foi esclarecido que os alunos não estavam sendo avaliados. Portanto, não havia o certo ou o errado, não valia nota, mas, aquela tarefa deveria ser feita individualmente.

A referida atividade consistia na representação, expressada por meio de um desenho em uma folha de papel no formato A4, do que era a geografia para o aluno, tendo em vista o aprendizado experimentado por ele naquele ano. Para a realização da tarefa, os alunos receberam alguns materiais de desenho para a confecção do mapa mental, entre os quais: folha de papel, lápis de cor, canetas hidrocor, lápis preto, etc. Estipulou-se o tempo da aula (50 minutos) para a confecção dos mapas mentais.

A maioria dos alunos não apresentam dificuldades e desempenham esse tipo de “tarefa” com desenvoltura e satisfação, concluindo os desenhos mesmo antes do término do tempo disponível. Por outro lado, o mesmo não se pode esperar do público adulto, uma vez que caso se deseje coletar algum dado junto a esse público, estes, muitas vezes, mostram-se reticentes e receosos no desempenho de tal prática.

Na segunda etapa, procedeu-se a leitura e interpretação dos mapas mentais. Para a análise proposta, utilizou-se a metodologia desenvolvida por Kozel (2001), e se acrescentou alguns itens de análise que julgamos necessários devido às especificações surgidas nas representações.

Segundo a metodologia Kozel, o conteúdo dos mapas mentais é analisado de acordo com os seguintes quesitos:

- 1 - Interpretação quanto à forma de representação dos elementos na imagem;
- 2 - Interpretação quanto à distribuição dos elementos na imagem;
- 3 - Interpretação quanto à especificidade dos ícones:
 - Representação dos elementos da paisagem natural
 - Representação dos elementos da paisagem construída
 - Representação dos elementos móveis
 - Representação dos elementos humanos

4 - Apresentação de outros aspectos ou particularidades

A interpretação quanto à forma de representação dos elementos na imagem, segundo assinala Kozel (2001), é o primeiro quesito a ser detectado quando se faz a leitura dos mapas, observando-se a diversidade de formas representativas. Isso não significa que haverá a incidência de um único elemento em um mapa mental, uma vez que podem aparecer elementos associados.

Os elementos selecionados pela autora são os seguintes:

- ícones formas de representação gráficas através de desenhos;
- letras palavras complementando as representações gráficas;
- mapas forma de representação cartográfica que evidencia a espacialização do fenômeno representado;

No quesito relacionado a interpretação quanto à distribuição da imagem, nos mapas mentais, deve-se observar os seguintes aspectos:

- ~ Representação da imagem em perspectiva.
- ~ Representação da imagem em forma horizontal.
- ~ Representação da imagem em forma circular.
- ~ Representação da imagem de maneira dispersa.
- ~ Representação de imagens isoladas.

A interpretação quanto à especificação dos ícones requer uma análise mais detalhada, pois evidencia aspectos mais complexos. Nota-se que se trata de um universo permeado pelo simbólico em que perpassam vários elementos para a composição das imagens. Sob orientação da metodologia desenvolvida por Kozel (2001), selecionou-se os seguintes grupos de classificação:

- ~ Representando elementos da paisagem natural.
- ~ Representando elementos da paisagem construída.
- ~ Representação de elementos humanos.

No quesito que abrange a apresentação de outros aspectos ou particularidades, a metodologia desenvolvida por Kozel propõe o levantamento e a análise de mensagens veiculadas pelos mapas mentais como textos a serem desvendados. Entre os aspectos evidenciados pelo grupo de alunos, estão presentes, sobretudo, idéias relacionadas à formação do povo brasileiro. Assim sendo, foram estabelecidos os principais grupos temáticos representados:

- ˘ Formação do povo brasileiro.
- ˘ Região e regionalização.
- ˘ Contexto global e cultura brasileira.
- ˘ A sala de aula.
- ˘ Contexto escolar.
- ˘ Nacionalismo e patriotismo.
- ˘ Pluralidades geográficas.

A leitura e a interpretação dos mapas mentais permitiram a constatação de algumas evidências quanto à construção das representações acerca da geografia vivida pelos alunos ao longo de um ano. A primeira diz respeito ao tema mais recorrente nos mapas: o Brasil.

Um Brasil que se manifesta a partir dos símbolos nacionais, como a bandeira, o contorno de seu território, sua tropicalidade e etnias, transcendendo a configuração de um ensino em geografia que ainda é voltado à construção de uma identidade nacional, desde os primórdios, até hoje em dia.

Por outro lado, os mapas mentais também evidenciam que se trata de um Brasil integrado ao globo, tendo a geografia escolar como um importante suporte para a compreensão do aluno quanto ao diálogo entre as escalas micro/macro do espaço. Um globo que possui continentes, entre os quais o continente americano, onde se localiza a América do Sul e o território brasileiro, que, por sua vez, é uma confederação, formada por vários estados.

Mas esse Brasil dos mapas mentais também possui muita natureza, assim como construções humanas e diversidade cultural. Com estes elementos recorrentes nos mapas: o diálogo das escalas de apreensão do espaço, macro/micro; patriotismo;

formação cultural; espaço natural e espaço construído, está formado o núcleo de uma teia, cujo centro é o Brasil.

Além desses resultados, os Mapas Mentais também revelaram a sala de aula enquanto catalisadora dos resultados dos eventos que acontecem na escola e seu entorno, além de evidenciarem práticas pedagógicas, desenvolvidas pelo professor, que promovem um ensino de geografia que transcende e supera algumas “velhas” formas de se fazer geografia na escola, pautadas, sobretudo, na memorização de conteúdos e numa relação hierarquizada e autoritária entre o professor e os alunos.

Esses elementos assinalados evidenciam uma sala de aula, quando pensada em toda sua complexidade, enquanto condicionadora e condicionada das/nas práticas e vivências em seu interior/exterior, promovendo o que Nelson Rego denomina: Geração de Ambiências.

A geração de ambiências e o domínio da práxis

A busca pela compreensão das representações sobre geografia construídas pelo grupo de alunos pesquisados, conduziu-nos para o universo intra-escolar, ou seja, a sala de aula de geografia. Um universo que se ramifica, estendendo-se, inclusive, para além das quatro paredes que delimitam o espaço físico da sala. Mas, é na “lida” diária dos agentes do processo ensinar/aprender (alunos, professores e técnico-administrativos) que se encontram elementos que nos permitem compreender as especificidades e a dinâmica do contexto intra-escolar, pois esses agentes possuem o domínio da práxis escolar, função de suas vivências, experiências e da partilha em seus relacionamentos. Rego (2006, p. 197), de antemão, assinala que “os conceitos que articulam o conceito de geração de ambiências pertencem, de fato, ao domínio da práxis, porque são construções de parcerias dialógicas”. Nesse sentido, o autor reforça essa idéia afirmando que “o conceito de geração de ambiências não se pretende como antecedente às práticas. Ele se fundamenta na observação de práticas”. Em outras palavras, “significa uma valorização dos temas e da cultura do mundo mais proximamente vivido” (REGO, 2006, p. 181).

Isto evidencia a importância desse conceito quando se emerge no domínio da prática por excelência, por assim dizer, que é a sala de aula. Afinal, grande parte do que

se conhece de geografia e da geografia que se conhece advém dos ensinamentos construídos na sala de aula.

Mas, afinal, o que define o conceito de geração de ambiências (GA)?

Quando Rego (2006) aponta que o conceito de GA significa a valorização dos temas da cultura do mundo mais proximamente vivido, ele afirma que, primeiramente, ao tratarmos do “proximamente vivido”, devemos entender que esta idéia pode designar não apenas o que está em volta de um determinado indivíduo ou grupo, mas ressaltar o centro, isto é, a valorização da perspectiva do indivíduo ou grupo em relação a isso que está em volta e é contextualizador e condicionador de suas existências. Essa valorização efetiva-se sempre como um processo educacional. O processo educacional relacionado à noção de ambiência implica em estabelecer nexos entre aqueles dois sentidos possíveis para a idéia de meio (REGO, 2006, p.182).

Portanto, para que ocorra a geração de ambiência no processo educacional escolar, por exemplo, é necessário entender o aluno como integrante do grupo no qual está inserido, mas também enquanto indivíduo e, sobretudo, as correlações existentes entre os dois. Para Pérez (2005), a compreensão desse processo se dá a partir do pensamento complexo que, embora integre modos simplificadores de pensar, recusa as conseqüências de uma simplificação que toma a representação como reflexo do real, pois, para Pérez (2005, p. 38), “o mundo é uma inevitável combinação de ordem e desordem, é pelo diálogo ordemdesordem que se produz o encantamento do mundo”. Ou seja, a apreensão da realidade se dá na relação complexa em que o sujeito se modifica à medida que conhece o mundo, pois “conhecer é criar, descobrir, produzir e não, apenas, reconhecer” (PEDRO, s/d, p. 18 apud PÉREZ, 2005, p. 38)4.

Ao desenvolver pesquisa com crianças utilizando mapas mentais, Pérez (2005) relata que na vida cotidiana da sala de aula a conjugação desenho, oralidade e comportamento permite conhecer as feições do espaço. Este conceito formulado por Certau (1998)5, segundo Pérez (2005), refere-se às mil maneiras pelas quais o espaço é apreendido pelos sujeitos. Nesse sentido, a autora afirma que é possível pensarmos neste processo enquanto gerador de ambiências, uma vez que daí resultam experiências no e com o lugar, constituindo-se em práticas espaciais singulares numa rede de afetos e significados. Isto para Rego (2003), conforme nos aponta Pérez (2005), caracteriza o conceito de ambiência, uma vez que se constitui num objeto catalisador de

transformações. Portanto, ambiências seriam “conjuntos dentre conjunto de vasos comunicantes, formando a idéia de teceduras concêntricas nas quais, no centro, localizam-se em cada situação sujeitos coletivos/individuais em comunicação com a geografia das redes do entorno, condicionando essas redes e sendo condicionados por elas” (REGO, 2003, p. 7-8 apud PÉREZ, 2005, p. 40).

Assim, para Rego (2000), as ambiências não se referem apenas à descrição de uma condição de vida ou de um lugar, uma vez que existem implicações das redes de subjetividades que produzem sentido às experiências espaciais cotidianas: morar, estudar, conhecer, trabalhar, divertir-se e viver, condicionando as experiências socioculturais das crianças, seus afetos, sua sensibilidade, estética, valores e emoções, explicitando o diálogo entre interioridade dos indivíduos e a exterioridade das condições do espaço onde se encontram inseridos.

Portanto, trata-se de um processo de conhecimento de si e dos lugares construídos interativamente, na perspectiva de ação transformadora. Uma noção de espaço geográfico, como um sistema composto por relações sociais articuladas e relações físico-sociais, espaço condicionador da existência humana e que pode, este espaço, ser eleito como objeto catalisador de ações transformadoras exatamente por este motivo – por ser condicionador da existência humana (REGO, 2000, p. 7 apud SUERTEGARAY, 2004, p. 198)

Sinteticamente, os conceitos que constituem e articulam o conceito de geração de ambiência, segundo Rego (2006), são: meio, interpretação (hermenêutica) instauradora e a dialógica. O termo “meio” apresenta dupla possibilidade de compreensão. Pode ser lido como em torno (aquilo que envolve) e como entre (aquilo que está entre nós, intermediando-nos). Ao sintetizarmos as idéias do autor, segundo esta perspectiva, notamos que ele propõe uma dimensão do conceito de meio – a relação entre o conjunto de elementos físico-naturais e físico-artificiais em interação, a partir de relações que são materiais e simbólicas, de indivíduos e/ou grupos.

A interpretação (hermenêutica) instauradora acontece, por exemplo, no encontro geografia/educação, da seguinte forma: o objeto a ser interpretado é o espaço geográfico, enquanto a atitude instauradora, ao convergir com o primeiro conceito (a relação meio em torno como o meio entre), elegerá os fatos cotidianos do mundo mais proximamente vivido como fatos a serem amplamente compreendidos, relacionados

entre si, e como os fatos de outras escalas de análise, e sobre esses fatos, que se tornam o objeto de interpretação, procurará agir, em alguma medida, modificando-os. Ou seja, esta perspectiva não elege somente o lugar e os fatos cotidianos como fatos a serem compreendidos e relacionados entre si e outras escalas, como apreende simultaneamente a capacidade de ação dos sujeitos desse processo com vistas ao futuro.

O terceiro conceito, dialógica, segundo o autor, encerra a possibilidade, ou suporte, para, no âmbito das ações, serem construídos novos caminhos, buscando a participação social e da educação para isso, mesmo que estes sejam resultados de conciliações provisórias. Ou seja, “os conceitos que articulam o conceito de geração de ambiência pertencem, de fato, ao domínio da práxis, porque são construções de parcerias dialógicas” (REGO, 2006, p. 197).

Para Suertegaray (2004, p. 205), o conceito de GA pode ser pensado, também, como possibilidade de construção de caminhos para promover ações, “pois criar ambiências pode constituir uma atitude (agora consciente, porque nominada)” que, partindo do indivíduo em seu lugar social, interconecte-se coletivamente, “fazendo emergir da ação de um, uma conexão em rede, ampliando-se, assim, a força de transformação, de solidariedade, de trocas de saberes e a de responsabilidade social”.

Considerações Finais

Os Mapas Mentais são de fundamental importância como ferramenta na construção de diagnósticos relacionados a situações que envolvem a educação e para operacionalizar algumas abordagens da Geografia das Representações, pois se constituem verdadeiros instrumentos catalisadores da manifestação do desenvolvimento cognitivo, social e cultural dos alunos. Por meio desse aporte metodológico, foi possível compreender a dinâmica do processo de aprendizagem dos alunos pesquisados, fornecendo elementos que favorecem o redimensionamento de ações visando tomada de decisão na busca pelo aperfeiçoamento da relação entre professor, aluno, geografia, escola e comunidade, pautada, sobretudo, no diálogo.

A Geração de Ambiências se concretizou nos processos escolares observados, mas, ao mesmo tempo, incitou à reflexão a partir de suas propostas para a compreensão

do espaço geográfico escolar, condicionador e catalisador de uma geografia que contém e está contida no viver e existir dos agentes dos processos escolares.

Conforme Bauman (2003, p. 9) já advertiu, “as respostas são a má sorte das perguntas” porque encerram a possibilidade do diálogo. Devido a isso, desejou-se com este trabalho percorrer o caminho da reflexão, deixando a “picada” aberta. Os mapas mentais, não deixam de ser construções dialógicas. Portanto, passíveis de outras interpretações e reflexões, sobretudo porque refletem o tempo e aqueles que os construíram.

Referências

AMORIM, Oswaldo Bueno. A pluralidade da geografia e o papel das abordagens fenomenológicas no fazer geográfico. Conferência de abertura proferida no 1º Colóquio Nacional do NEER – Espaço e Representações: reconstruções teóricas do geográfico”. Curitiba: UFPR/Geografia, 2006.

BAILLY, A. et al. *Geographie régionale et representation*. Paris: Anthropos, 1985.

BAUMAN, Zygmunt. *A sociedade líquida* (Entrevista, p. 5-9). Folha de S.Paulo. Caderno ‘Mais!’, 19 out. 2003.

GASPAR, J.; MARIAN, A. *A percepção do espaço*. Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia, v. X.20, Lisboa, 1975.

GALVÃO, Wilson. Que geografia se ensina? – Um estudo sobre representações de geografia segundo alunos da 6ª série do ensino fundamental. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, 2007.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Geografia cultural: Estrutura e Primado das Representações, In: *Espaço e Cultura*, nº 19-20, (Jan.-Dez.). Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 2005.

HARLEY, J. B. A nova história da cartografia. *Correio da Unesco*, v. 9, n. 8, p. 4-9, 1991.

HARLEY, J. B. Deconstructing the map. In: *Cartographica*. Toronto: University Toronto Press, v. 26, n. 2, 1989. p. 1-20.

KOZEL, Salete; NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. A geografia das representações e sua aplicação pedagógica: contribuições de uma experiência vivida. In.: *Revista do Departamento de Geografia/FFLCH/USP*. São Paulo: Humanitas, n. 13, p. 239-257, 1999.

KOZEL, Salete. Das imagens às linguagens do geográfico: Curitiba a “capital ecológica”. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo – USP: São Paulo, 2001.

KOZEL, Salete. Comunicando e representando: Mapas como construções socioculturais. In.: SEEMANN, Jörn (Org.). *A aventura cartográfica: perspectivas, pesquisas e reflexões sobre a cartografia humana*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.

PÉREZ, Carmen Lúcia. Imagens do conhecimento do mundo. Mapas mentais e espaços praticados. Uma investigação sobre as lógicas operatórias e as práticas espaciais das crianças das classes populares. In.: *Caesura: Revista de Ciências Sociais e Humanas / Universidade Luterana do Brasil*, n. 27 (jul./dez., 2005) Canoas: ULBRA, 1992.

REGO, Nelson; SUERTEGARAY, Dirce; HEIDRICH, A. *Geografia e educação: geração de ambiências*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

REGO, Nelson; et al (Org.). *Um pouco do mundo cabe nas mãos: geografizando em educação o local e o global*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. (Coleção Geração de Ambiências).

REGO, Nelson. Geração de Ambiências: três conceitos articuladores. In: REGO, N.; et al (Org.). *Saberes e práticas na construção de sujeitos e espaços sociais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006. (Coleção Geração de Ambiências).

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Ambiência e pensamento complexo: resignific(ação) da geografia. In: DANTAS DA SILVA, A. A.; GALENO, A.; (Orgs.). *Geografia: ciência do complexus – ensaios transdisciplinares*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

Recebido para publicação em maio de 2008

Aprovado para publicação em junho de 2008